

Encontro de saberes e os desafios da inserção das etnopedagogias musicais de mestres e mestras no Ensino Superior

Comunicação

GTE 01 – Abordagens etnográficas de modos de aprendizagem musical

Luciana Prass
UFRGS
luciana.prass@gmail.com

Resumo: A transdisciplina Encontro de Saberes, projeto iniciado por José Jorge de Carvalho em 2010, é oferecida na UFRGS desde 2016. De lá para cá, 39 mestres e mestras já ministraram aulas para turmas que incluem hoje 64 currículos de graduação, 54 dos quais, licenciaturas. Dentre estes mestres e mestras, ao menos 14 tiveram práticas sonoras afro-brasileiras ou indígenas no centro dos encontros interculturais. Mas como esses encontros têm ocorrido? Como tem sido a recepção de estudantes às propostas etnopedagógicas destes mestres e mestras? Quais são os desafios para uma efetiva transformação epistemológica no ambiente universitário proposta pela Encontro de Saberes pela via das práticas sonoras? Nossa percepção como docentes colaboradores/as, somadas aos diálogos com estudantes por vias de relatos orais e escritos, têm apontado para muitas aprendizagens inéditas no contexto universitário, por meio do corpo, da sensibilidade ecológica, da oralidade e de conexões espirituais, mas também, temos percebido aflorar dificuldades em compreender as propostas de mestres e mestras, seja pelo tom de voz baixo, pelas dificuldades com a língua portuguesa (por falarem guarani ou kaingang, por exemplo), pelo silêncio ao enfatizar o uso do corpo em movimento, pelos repertórios propostos, pelas práticas instrumentais, pelo (alto) volume sonoro de certas tradições performáticas, pelo tempo (estendido) das conversas e das práticas musicais, entre outros aspectos. E se, por um lado, há estudantes especialmente interessados/as na proposta da transdisciplina, por outro, há aqueles/as que se matriculam, aparentemente, interessados/as somente nos créditos que ela oferece e são surpreendidos/as pelas aprendizagens que acabam construindo.

Palavras-chave: Encontro de Saberes; etnopedagogias musicais; mestres e mestras de saberes populares e tradicionais.

Introdução

A transdisciplina¹ Encontro de Saberes, projeto de ampliação epistemológica das universidades pela inclusão de mestres e mestras de saberes populares e tradicionais como docentes convidados/as, proposta do etnomusicólogo José Jorge de Carvalho, iniciada na UnB, em 2010 (Carvalho; Florez Florez, 2014; Carvalho, 2018, 2021; Vianna, 2023), foi implementada na UFRGS no segundo semestre de 2016 (Tettamanzy et al., 2019). Desde então, mesmo passando pelos desafios da interrupção de atividades devido à pandemia da Covid-19 e também das enchentes de maio de 2024 que colapsaram o Rio Grande do Sul, 39 mestres já atuaram como professores na transdisciplina, levando ao ambiente universitário seus conhecimentos polímatos² e suas presenças potentes e afetivas³. Dentre tantos mestres e mestras, ao menos 14 deles/as focaram seus ensinamentos em suas práticas sonoras, sempre entrelaçadas com outros âmbitos de suas vidas e experiências cotidianas. Foi nesse sentido, do entrelaçamento entre sons e vida guarani, que a etnomusicóloga Marília Stein desenvolveu o conceito de “cosmo-sônica” (Stein, 2009, 2017, 2025). Em diálogo com o mestre guarani Vherá Poty Benites, a autora afirma que

¹ Segundo Martinazzo (2020), a noção de transdisciplina ou transdisciplinaridade – que já era uma pretensão entre os séculos XII e XVIII - tem sido retomada desde o final do século XX, em oposição ao pensamento disciplinar, surgido a partir da Revolução Industrial e que foi nomeado por Edgard Morin (2000, p. 330) como o “paradigma da simplificação”: “[...] O homem pretendeu compreender a complexidade do mundo biofísico e cultural pela via da simplificação, ignorando seu caráter complexo” (Martinazzo, 2020, p. 3). Pensadores como Edgar Morin, Basarab Nicolescu, Lima de Freitas, Ubiratan D’Ambrosio e Maria Cândida Moraes, entre outros, têm retomado o conceito de transdisciplinaridade a partir da percepção da complexidade da vida contemporânea (ver Nicolescu et al., 2000). Por isso Morin (2000) a define como “nova transdisciplinaridade”. Nesse sentido, Martinazzo (2020, p. 6) explica que “a velha transdisciplinaridade está implícita em diferentes correntes históricas do pensamento que de uma forma ou de outra buscaram realizar uma leitura do real. Ela também se confunde com tentativas de enfoques inter/pluri/multidisciplinares e que são construídas sobre princípios simplificadores da realidade. A nova transdisciplinaridade, por sua vez, é um convite para colocar o pensamento na esteira dos princípios cognitivos da complexidade através da religação de diferentes domínios de saberes e níveis da realidade. É nova, portanto, porque a transdisciplinaridade adquire um novo sentido a partir do avanço dos estudos da teoria da complexidade”. É nesse sentido, da compreensão da complexidade da ciência e da vida contemporâneas, que a Encontro de Saberes, ao articular conhecimentos originários e ancestrais, através da oralidade em presença de mestres e mestras, com as produções acadêmicas de múltiplos campos, autodenomina-se como uma transdisciplina.

² José Jorge de Carvalho conecta a polimatia de mestres/as à própria necessidade do pensamento transdisciplinar. “Partindo da classificação ocidental do saber geral em áreas de conhecimento com que foi construído o modelo humboldtiano de instituição universitária, constatamos que os mestres e mestras dominam saberes das ciências, tecnologias, artes, política e espiritualidade. Dito de outro modo, a sua polimatia é uma inspiração para a nossa busca da transdisciplinaridade acadêmica” (Carvalho, 2021, p. 61).

³ Para mais informações sobre a Encontro de Saberes na UFRGS ver a exposição virtual disponível em: <https://www.ufrgs.br/encontrodesaberes/>.

[...] o mborai é tudo, já diz por que veio, é o som da vida. “Cada música já tem tudo nela. Ela é pra pessoa exercitar a voz, já diz no texto quando foi feita, pra que foi feita. Os cantos inteiros ensinam” (Vherá Poty, comunicação oral, 2009). Como vimos, a performance sonora e em especial o canto assume um lugar central nas experiências sociais e cosmológicas do grupo. As imbricações entre sonoridades-performances e cosmos entre os Guarani-Mbyá, Rio Grande do Sul, potencializaram a concepção do conceito de “cosmo-sônica” Guarani, a partir da existência de uma centralidade da dimensão sonora como produção da pessoa, do cosmos, do conhecimento (Stein, 2017, p. 14).

Essa não separação entre sons, música e vida cotidiana, uma das chaves interpretativas nas experiências da Encontro de Saberes, é também percebida até hoje em muitas tradições afro-diaspóricas como, por exemplo, no Maçambique, congada presente na região de Osório, RS. Em minha pesquisa de doutorado entre pessoas de comunidades quilombolas do sul do Brasil, práticas congadeiras estiveram e ainda estão conectadas às lutas cotidianas, como realizar um pagamento de promessa por alguém da comunidade que recuperou a saúde, ou porque grileiros interromperam suas invasões às terras em processo de reconhecimento (Prass, 2013).

É importante nomear estes mestres e mestras especialmente ligados a práticas sonoras que têm colaborado com a Encontro de Saberes na UFRGS: Jorge Domingos (*in memoriam*), cantor de sambas e líder cultural na comunidade da Restinga, em Porto Alegre; Mestre Paraquedas, carnavalesco, sambista, compositor, poeta, artista plástico, alegorista, cenógrafo, contador de histórias e mestre griô; Vherá Poty Benites da Silva, importante intelectual e liderança Guarani-Mbyá no Brasil, kyingüé ruvíxá (mestre das crianças nos grupos de canto e dança Guarani-Mbyá) no RS e no Paraná, atualmente residindo em Santa Catarina; Iracema Gah Teh, cacica e líder Kaingang com longa experiência xamânica e cosmo-política, envolvida com a luta pelos direitos dos povos originários e com a sistematização da história e cultura Kaingang em diferentes ações educacionais, políticas e artísticas, em comunidades Kaingang e esferas de interculturalidade; Vitor da Trindade, músico, compositor, ativista, neto de Solano Trindade, mestre em Etnomusicologia; Paulo Romeu, professor, pesquisador, compositor, músico, diretor musical do Grupo de Música e Dança Afro-Sul e coordenador do Instituto Sociocultural Afro-Sul Odomodê, Porto Alegre, há quase 50 anos; Francisca Dias, Rainha Ginga e Presidente da Associação Religiosa e Cultural

Maçambique de Osório; Mestre Churrasco, um dos mais antigos mestres de capoeira do Rio Grande do Sul, fundador da Associação de Capoeira Angola Zumbi do Palmares (ACAZUP) e grande referência desta arte no sul do Brasil além de construtor de berimbaus e tririmbaus⁴; Alexandra Amaral, educadora, percussionista, a primeira mulher mestra de bateria no Rio Grande do Sul (possivelmente no Brasil); Mestre Paulinho, percussionista, educador, coordenador da escola de samba mirim Areal do Futuro, do Quilombo do Areal, em Porto Alegre; e Ìdòwú Akínrúlí, percussionista e dançarino nigeriano com bagagem artística respeitada em seu país de origem num somatório de atuações enquanto percussionista, baterista, dançarino e professor dessas áreas e com um currículo que engloba trabalhos junto a inúmeros artistas africanos importantes.

Nesta comunicação discutirei as incidências sonoras na transdisciplina Encontro de Saberes da UFRGS, enfocando especialmente as experiências com mestres e mestras deste último semestre (2025-1), trazendo à discussão minhas percepções enquanto docente, bem como, as de estudantes, a partir de diários de campo produzidos por eles em vários momentos avaliativos.

Nossos professores neste semestre foram Pingo Borel, tamboreiro e percussionista, filho de Mestre Borel (*in memoriam*) tamboreiro e líder espiritual do Batuque⁵ do RS; Joana Cavalcante, Mestra do maracatu Encanto do Pina, de Recife, líder comunitária e proponente do movimento Baque Mulher, de empoderamento de mulheres, espalhado em várias cidades do Brasil e do mundo; e Mestra Julia Gimenes, cacica Mbya-Guarani da Tekoá Sons dos Pássaros, localizada em Maquiné, RS.

O papel político da Encontro de Saberes nas universidades

O espaço para a implementação da Encontro de Saberes na UFRGS e em outras universidades brasileiras⁶ é consequência, em grande parte, da necessidade de serem

⁴ Para saber mais sobre os tririmbaus de Mestre Churrasco ver <https://youtu.be/eeenKPO3CE0?si=uP1KWtIB01Avb7a>.

⁵ O Batuque gaúcho, ou Nação, trata-se de uma das modalidades religiosas presentes no campo religioso afro-brasileiro do Rio Grande do Sul. Segundo Braga (1999), “localiza-se no extremo mais tradicional do nosso complexo religioso afro-gaúcho e resguarda com mais firmeza traços sudaneses e banto de derivação africana”. Para saber mais sobre o Batuque no Rio Grande do Sul ver também Braga (1998).

⁶ A Encontro de Saberes também já foi implantada em duas universidades internacionais. Porém, estas experiências não serão contempladas nessa discussão.

cumpridas as legislações relativas à Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER), incluídas nesse escopo as leis 10.639/2003 e 11.645/2008, que previram a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira, africana e indígena em todos os níveis de ensino. É ainda, na proposta de José Jorge de Carvalho, o espelhamento da presença de estudantes cotistas nas universidades, especialmente a partir da Lei 12.711/2012 (a Lei de Cotas), através de cotas epistêmicas.

A pressão por uma mudança no perfil epistêmico na docência tende a crescer, pois além da participação dos mestres no ensino das matérias tornadas obrigatórias pela Lei No. 11.645, eles devem passar a ensinar também nas Licenciaturas Interculturais Indígenas e nas Licenciaturas acadêmicas regulares, principalmente nas de Humanidades, Artes e Ciências Sociais. Em todos esses casos, sua presença fará com que os estudantes, futuros professores, aprendam diretamente dos mestres das tradições e possam então ensinar aos secundaristas um conhecimento vivo, e não apenas livresco ou indireto, das culturas indígenas e afro-brasileiras. Do mesmo modo que nossas universidades preservam e reproduzem as linhagens de conhecimentos ocidentais transmitidos por professores da Europa e dos Estados Unidos (países que controlam a expansão dessas linhagens), começaremos então a formar professores que serão os continuadores das linhagens de conhecimentos indígenas e afro-brasileiros nas quais foram inseridos pelos próprios mestres dessas comunidades (Carvalho, 2021, p. 58).

Uma vez implantada a transdisciplina na UFRGS, lotada desde a sua implementação no Departamento de Música do Instituto de Artes, mas aberta, como eletiva, para todos os cursos da universidade, sua procura foi aumentando semestre a semestre. E o que se viu foi que, devido às pressões advindas das avaliações do MEC para inclusão de disciplinas que contemplem o ERER nos inúmeros cursos da universidade, em especial, das licenciaturas em várias áreas, em cumprimento à legislação vigente, estes cursos foram incluindo a Encontro de Saberes em seus currículos, sendo que hoje ela se encontra em 64 deles, 54 dos quais, licenciaturas.

Essa ampliação no escopo das pessoas envolvidas a partir de suas áreas de formação - de áreas das ciências humanas e das exatas - , ao mesmo tempo em que nos trouxe novas aprendizagens, também tem levado à matrícula de estudantes que, muitas vezes, inicialmente, não buscam a transdisciplina por questões epistemológicas, de interesse em outros saberes, distintos de suas áreas de formação, mas a procuram porque precisam de

créditos eletivos para completarem seus processos de diplomação. É também em relação a este perfil de estudantes que a potência da presença de mestres e mestras tem gerado transformações, levando muitos deles/as a se encantarem com as aprendizagens suscitadas e a se engajarem nas propostas da transdisciplina.

Etnopedagogias em ação e as respostas de estudantes universitários

As propostas ligadas à música e às práticas sonoras de maneira ampla compõem uma fatia significativa das vivências da transdisciplina Encontro de Saberes. Isso porque, voltando ao ponto de entendimento da polimatia de mestres e mestras, nas tradições dos povos originários e afro-diaspóricos, como vimos, sons e música fazem parte da vida cotidiana e não estão apartados dela, em eventos específicos, como nas tradições ocidentais brancas, euro ou anglo-centradas. E quando mestres e mestras vão mostrar, ensinar suas tradições sonoras, compartilham pedagogias específicas e especiais que, em minha pesquisa de mestrado sobre processos de ensino e aprendizagem musical em uma bateria de escola de samba foram nomeadas de “etnopedagogias musicais” (Prass, 2004, 2019, 2025).

Como então lidar com essas experiências em coletivos de estudantes majoritariamente brancos, vindos de áreas externas às artes, com pouca ou nenhuma experiência com encontros interculturais que têm as sonoridades no centro das experiências? E não só estudantes de áreas das ciências exatas e da saúde muitas vezes “estranham” as propostas de mestras e mestres: algumas pessoas das artes e muitas vezes da própria música demonstram grande dificuldade em engajar-se nas propostas de mestres e mestras com as práticas sonoras. Mas há muitos avanços nesse sentido, de compreensões que vão se consolidando ao longo dos semestres. Minha percepção como uma das docentes colaboradoras da Encontro de Saberes na UFRGS, somada aos diálogos com estudantes por vias de relatos orais e escritos, têm apontado para muitas aprendizagens inéditas no contexto universitário, por meio do corpo, da sensibilidade ecológica, da oralidade e de conexões espirituais. Por outro lado, também tenho percebido dificuldades por parte dos/as estudantes em compreender as propostas de mestres e mestras, seja pelo tom de voz baixo, pelas dificuldades com a língua portuguesa (por falarem em guarani ou kaingang, por exemplo), pelo silêncio ao enfatizar o uso do corpo em movimento, pelos repertórios

propostos, pelas práticas instrumentais, pelo (alto) volume sonoro de certas tradições performáticas, pelo tempo (estendido) das conversas e das práticas musicais, entre outros aspectos. Neste seguimento, escritos de alguns/as estudantes deste semestre enfatizam as potências e os desafios dos encontros com mestres e mestras vividos em 2025/1⁷.

Quando mestra Julia [Gimenes] tomou a palavra, com sua voz suave e seu esforço para falar conosco em português, contando sua história de vida, falando das aldeias [indígenas] em que viveu, entendi que a aparente fragilidade da sua voz baixa e da sua fala, às vezes parecendo não encontrar a palavra justa, substituindo-a por outra mais simples, escondia uma grande força. Dona Julia nos contou que, depois de idas e vindas, hoje mora em Maquiné [RS], em uma aldeia que se chama Som dos Pássaros. A sua aldeia, a que ela nomeou assim. Aí está a primeira grande beleza das tantas que pude encontrar na sua narrativa: mesmo diante de tantas lutas, o som dos pássaros é o que prevalece, é a forma com a qual ela escolhe nomear o seu lugarzinho no mundo. Pensei em quantos de nós e com que frequência paramos para ouvir os pássaros. Tive vontade de conhecer os sons dos pássaros da aldeia da dona Julia. Certamente, muito mais numerosos e mais cantantes do que os de cá (KR, estudante de música).

A escuta da voz suave de Mestra Julia Gimenes e a imagem dos sons dos pássaros de sua aldeia compuseram a paisagem sonora do semestre que, com a prática de maracatu junto à Mestra Joana Cavalcante, criou o desafio oposto, da exposição a uma massa sonora com muitos decibéis.

Esse foi, sem dúvidas, o módulo mais difícil e desafiador para mim. Por se tratar de uma proposta majoritariamente prática, tive muita dificuldade em acompanhar as aulas, especialmente devido à minha sensibilidade auditiva, em alguns momentos, precisei me retirar antes do término [da aula] por conta do forte mal-estar (NJ, estudante de nutrição).

O corpo foi sendo desafiado a cada encontro, retirado da zona de conforto da cadeira universitária e convidado ao encontro das vibrações dos instrumentos de maracatu - alfaias, agbês, caixas, gonguês -, colocando ouvidos, braços, pernas e mãos em movimentos, algumas vezes repetitivos, em busca de aproximação da técnica fluida e precisa exposta pela

⁷ Os/as estudantes citados com suas iniciais e áreas de formação foram consultados e autorizaram o uso de trechos de seus depoimentos que estão inseridos nessa comunicação. Estes depoimentos escritos integraram atividades avaliativas, em formato de diários de campo, relativas aos módulos desenvolvidos com cada mestre/a ao longo do semestre letivo de 2025/1. O ponto de vista (e de escuta) dos mestres/das mestras não foi contemplado nessa comunicação mas é algo a ser desenvolvido no futuro próximo.

Mestra Joana e suas ajudantes, fruto de anos de experiência e trabalho acústico⁸ (Araújo, 1999) que criaram muitos níveis de consciência sobrepostos.

Tivemos a oportunidade de conhecer e tocar alguns instrumentos que Mestra Joana [Cavalcante] trouxe, eu me aventurei com agbê. Confesso que, por falta de coordenação e prática, demorei um pouco para pegar o ritmo, errando bastante até conseguir acompanhar os colegas. Ao final da aula, estava com os braços doloridos, suada e cansada, mas imensamente satisfeita com meu progresso. Minha conexão com a arte sempre foi limitada à dança, por puro lazer, então tocar um instrumento foi uma experiência totalmente nova. Apesar de ainda ter a sensação de não levar jeito para a música, foi muito bom me aventurar e notar os pequenos acertos. Considerando que a turma não tinha prática, acredito que geramos um ótimo resultado em apenas uma aula, afinal, não é fácil passar horas aprendendo algo tão novo. A paciência e a compreensão de Mestre Joana e das componentes do Coletivo Baque [Mulher POA]⁹ foram notáveis. Atentas às nossas dificuldades, elas nos acolheram. Em determinado ponto da aula, Mestre Joana sabiamente nos lembrou que é preciso respeitar o tempo de cada corpo para apreender os movimentos, pois a velocidade de aprendizado varia e o domínio do instrumento se consolida com a prática. (SL, estudante de pedagogia).

Aos poucos e para alguns estudantes, o suor, as dores nos braços e nos dedos das mãos e o cansaço, foram sendo superados em prol da percepção da etnopedagogia da Mestra em ação. E a prática sonora permitiu conexões com as leituras teóricas que tínhamos feito nas aulas de preparação para o encontro com os/as mestres/as.

O processo de aprendizagem dos agbês, conduzido pela Mestra Joana [Cavalcante], ultrapassou os limites de uma transmissão técnica, destacando como uma pedagogia do corpo e da escuta, ancorada na oralitura, na coletividade e na ancestralidade. Cada gesto da mestra criava uma relação de tempo não-linear com o conhecimento, permitindo que o ato de tocar se tornasse também uma forma de lembrar, resistir e reexistir. Essa experiência

⁸ Conceito proposto pelo etnomusicólogo Samuel Araújo (1999, p. 7), o trabalho acústico trata-se de uma ferramenta conceitual que “[...] tem implicado em desvelar dialogicamente as múltiplas relações estabelecidas entre os seres humanos ao fazer música, bem como as demais relações subjacentes a esse fazer e as noções de valor que o permeiam, em compreender o uso dos instrumentos de trabalho mais diversos, das unidades mais simples de um determinado código musical aos instrumentos mais propriamente materiais de produção sonora”.

⁹ O Baque Mulher Porto Alegre é uma das 36 filiais, espalhadas em vários estados do Brasil e em outros países, da rede Baque Mulher, criada em 2008, por Joana D’arc Cavalcante. Através da prática do maracatu de baque virado, incluindo o canto de loas, a dança e o toque de instrumentos de percussão (alfaia, agbê, ganzá, timbal, caixa de guerra e gonguê), o grupo integra essa rede de proteção e empoderamento feminino no RS. A equipe principal do Baque Mulher POA é composta pelas professoras da Educação Básica, Sílvia Ellers e Débora Allemand, com experiência na vivência do maracatu, além da produtora Liane D’Avila da Costa. Para saber mais ver @baquemulherpoa.

se alinha à concepção de Leda Maria Martins (2019), quando afirma que “o tempo da performance não é linear. O tempo da performance é espiralar, é de retorno, de reiteração e deslocamento. [...] É uma forma de resistência e de reexistência”, destacando como as práticas performativas negras produzem e atualizam saberes por meio da repetição e do deslocamento, numa temporalidade que resiste à lógica ocidental cronológica (BC, estudante de música).

Leda Maria Martins, poeta, dramaturga, professora, rainha Ginga da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário do Jatobá (MG) e pesquisadora dos congados mineiros, citada no diário de campo de vários estudantes, tem sido uma voz fundamental na compreensão da performance nos rituais afro-brasileiros e do papel da oralidade (ou “oralitura”, em sua proposição) como forma de resistência e manutenção da cultura ancestral. Para a autora,

no âmbito dos rituais afro-brasileiros, a palavra poética, cantada e vocalizada, ressoa como efeito de uma linguagem pulsional e mimética do corpo, inscrevendo o sujeito emissor, que a porta, e o receptor, a quem também circunscreve, em determinado circuito de expressão, potência e poder. Como sopro, hálito, dicção e acontecimento performático, a palavra proferida e cantada grafa-se na performance do corpo, portal da sabedoria. (Martins, 2003, p. 67).

Essa força da palavra foi sentida também com as vivências estabelecidas com Mestre Pingo Borel. Entre conversas sobre a potência dos tambores e os conhecimentos sobre o Batuque do RS, uma das atividades consistiu na construção de tambores *Ilú*, sob a orientação do Mestre que é também *luthier* de percussão.

As questões trazidas por ele [Mestre Pingo Borel] colocam em evidência o lugar da oralidade, da corporeidade e da ancestralidade nos processos de aprendizagem. Não se trata apenas de ouvir uma história, mas de ser afetado por ela e de aprender a partir disso. A presença do tambor e do toque também ativou em nós não apenas o pensamento, mas o corpo e a memória. A prática da construção dos tambores foi um dos momentos mais significativos do módulo. Assistir ao documentário “Ilú” me preparou para vivenciar esse processo com mais consciência e respeito. Durante as oficinas, os gestos de cortar o PVC, lixar, colocar o couro, medir, furar, passar a corda, e muitos outros, eram carregados de sentido, evidenciando o papel do corpo na construção dessa memória do fazer, como visto no texto “Performances da Oralitura”, de Leda Martins [2003]. A construção do tambor, junto com as falas do Mestre, nos ensinou sobre tempo, coletividade e paciência. Ao longo das aulas, ficou evidente que não estávamos apenas produzindo um instrumento musical, mas entrando em

contato com uma prática ancestral que chegou até aqui através dessa oralitura (KM, estudante de música).

A construção do tambor não foi apenas um ato técnico, mas um rito de conexão com saberes ancestrais. A mangueira de chuveiro, material aparentemente ordinário, ganhou novo significado como elemento de resistência criativa – algo que relaciono ao conceito de "fazer com o que se tem", discutido por Mestre Pingo em aula e que ecoa a filosofia *bricolage* de Lévi-Strauss [1976]. Além disso, o uso da máquina de solda – tecnologia moderna – junto a técnicas manuais tradicionais simboliza a pluriépistemologia abordada no módulo: a coexistência de saberes científicos e ancestrais sem hierarquias (RD, estudante de letras).

Construção de Ilús, toque de tambores, pontos de Batuque trouxeram para a sala de aula discussões sobre a religiosidade afro-gaúcha e a espiritualidade dos tambores o que, mais uma vez, causou estranhamentos, alguns incômodos, mas também novas aprendizagens.

Foi interessante adentrar em um universo que não me é comum. Venho de uma família cristã, centrada em ensinamentos vinculados à Bíblia e entendimentos que, muitas vezes, se alinham aos pensamentos colonizadores. Perceber o tambor como uma divindade, que se alimenta e se conecta com o corpo de quem o constrói e, depois, com quem irá tocá-lo, me trouxe uma perspectiva antes desconhecida. O som e o ritmo se conectam com a memória, ancestralidade e com aquilo que habita o corporal (SO, estudante de música).

Considerações finais

Nesta breve comunicação, a proposta foi trazer algumas questões que a presença de mestras e mestres de saberes tradicionais e populares nas universidades, suas etnopedagogias em ação, através da transdisciplina Encontro de Saberes, têm suscitado. Dos relatos dos/as estudantes emergem processos de transformação perceptiva, não sem estranhamentos e conflitos, mas deixando transparecer sementes de uma continuidade potencialmente antirracista, aberta a outras epistemologias e formas de ser/estar no mundo.

Como integrante do coletivo de docentes que leva a disciplina adiante na UFRGS¹⁰, a cada novo semestre, vejo tanto a resistência e a dificuldade, como a abertura e a alegria de estudantes em sair de seus aparelhos celulares e suas redes sociais para ouvir o canto suave dos pássaros ou a potência sonora dos tambores. Vejo/ouço também a necessidade planetária de mudarmos nossos modos de relação com a terra, com o território, com as pessoas, o que, obviamente, inclui a necessidade de revisão do que se ensina e do que se vive nas universidades. Estes atos aparentemente simples, na verdade, carregam a potência na descolonização dos currículos universitários, mudança necessária tanto epistêmica (da ampliação do escopo de conhecimentos possíveis, para além das tradições euro e anglo-centradas), quanto política (pela inclusão e empoderamento de outros sujeitos/as e seus saberes). Como deixam nítido Albernaz e Carvalho (2022, p. 344 - 345):

A primeira dimensão [a epistêmica] merece especial atenção, tendo em vista que trata da ruptura da histórica exclusão étnico-racial que marca a constituição e a história das universidades brasileiras, baseada num racismo crônico abordado no artigo intitulado “O confinamento racial do ensino superior brasileiro” (Carvalho, 2006). É preciso, nesse sentido, que as universidades alterem o padrão de racismo institucional para os quais elas contribuem desde sua fundação. A segunda dimensão, a política, está estreitamente ligada à causa antirracista e à luta pelas cotas, e se refere à descolonização das universidades através da alteração no panorama daqueles que detêm o poder nessas instituições: o corpo docente. Ao serem convidados para lecionar nas universidades mestres e mestras dos saberes tradicionais que não possuem diplomas, mas um saber fundamentado em tradições e epistemologias próprias, será necessário à universidade uma reformulação burocrática para receber esses conhecedores. Será preciso também aceitar a relevância de seus saberes para a formulação de novas soluções para justificar e manter a presença desses sábios em posição similar à de um professor substituto ou visitante.

As práticas sonoras dos povos originários, das comunidades quilombolas, dos coletivos populares periféricos, como os relatos de estudantes aqui explicitam, são forças potentes em ambas dimensões - epistêmica e política - na transformação do campo da música nas universidades. É urgente, portanto - como tantos trabalhos nas áreas da Etnomusicologia e da Educação Musical têm justificado (Pereira, 2013; Batista, 2018; Queiroz, 2020, 2023; Cohon; Sanchez; Del Pino, 2020; Ferlim, 2021; Felipe; Campos, 2022; entre outros) -, que descolonizemos nossos currículos nos cursos de música, rompendo o

¹⁰ Professores/as envolvidos/as com a Encontro de Saberes na UFRGS desde a sua implantação e respectivas áreas de atuação: Álvaro Heidrich (geografia), Ana Tettamanzy (letras), Carla Meinerz (educação), Celina Alcântara (teatro), Cláudia Pires (geografia), Daniele Caron (arquitetura), Eráclito Pereira (museologia), Ingrid Barros (biologia), José Rivair (história), José Carlos dos Anjos (sociologia), José Catafesto (antropologia), Luciana Prass (música), Maria Elizabeth Lucas (música), Mauro Silveira de Castro (farmácia), Marília Stein (música), Rumi Kubo (relações internacionais) e Valéria Labrea (educação).

confinamento em um ponto de escuta (Travassos, 2005)¹¹ - o eurocêntrico, principalmente – enfrentando o racismo epistêmico pela via da inclusão da oralidade, da corporeidade, de repertórios populares e tradicionais, de instrumentos musicais originários, africanos, afro-diaspóricos, das etnopedagogias musicais, e, como propõe Carvalho (2016), da reintegração mente – coração, articulando cognição e afetividade, através da presença de mestres e mestras. Não é mais possível ignorar que as epistemologias originárias e afro-centradas precisam ocupar lugar de destaque em nossos cursos de música sob pena de seguirmos ensinando (e aprendendo) música de maneira apenas parcial, ao privilegiarmos certos repertórios, formas de fazer e de teorizar legitimadas por grupos hegemônicos, sem ouvir as demandas por equidade e justiça social que outros grupos carregam em suas práticas sonoras.

Referências

BATISTA, Leonardo Moraes. Educação musical, relações étnico-raciais e decolonialidade: tensões, perspectivas e interações para a Educação Básica. *Orfeu*, Florianópolis, v. 3, n. 2, p. 111-135, 2018. Disponível em: <https://www.periodicos.udesc.br/index.php/orfeu/article/view/1059652525530403022018111>. Acesso em: 2 out. 2025.

BRAGA, Reginaldo Gil. *Batuque Jêje-Ijexá em Porto Alegre: a música no culto aos Orixás*. Porto Alegre: FUMPROARTE, 1998.

BRAGA, Reginaldo Gil. Trajetórias Religiosas e Musicais de Três Tamboreiros de Nação. In: XII CONGRESSO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, 1999. *Anais [...]*. Disponível em: https://antigo.anppom.com.br/anais/anaiscongresso_anppom_1999/ANPPOM%2099/PAINEIS/BRAGA.PDF. Acesso em: 4 out. 2025.

CARVALHO, José Jorge e FLOREZ FLOREZ, Juliana. Encontro de saberes: projeto para descolonizar o conhecimento universitário eurocêntrico. *Nômadias*, Bogotá, n. 41, p. 131-147, 2014. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S0121-75502014000200009&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 20 jul. 2025.

¹¹ A etnomusicóloga Elizabeth Travassos (2005, p. 95), mencionando a dificuldade no reconhecimento do estudo acadêmico da música popular, explicou de maneira precisa que “[...] um conjunto de fatores condiciona essa situação, entre eles a sacralização da escrita, a resistência à diferença cultural-musical e o confinamento em um ponto de escuta”.

CARVALHO, José Jorge de. Encontro de Saberes e Descolonização: Para uma refundação étnica, racial e epistêmica das universidades brasileiras. In: COSTA, Joaze Bernardino; TORRES, Nelson Maldonado; GROSSFOGUEL, Ramón (Ed.). *Decolonialidade e Pensamento Afrodiaspórico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 79-106.

CARVALHO, José Jorge de. Notório saber para os mestres e mestras dos povos e comunidades tradicionais: uma revolução no mundo acadêmico brasileiro. *Rev. UFMG*, Belo Horizonte, v. 28, n. 1, p. 54-77. jan./abr., 2021. Disponível em <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistadaufmg/article/view/29103/29332>. Acesso em: 13 jul. 2025.

COHON, José C. K.; SANCHEZ, Leonardo Pellegrim; DEL PINO, Ramón. Dossiê: Música enquanto prática decolonial. *PROA: Revista de Antropologia e Arte*, Campinas, n. 10, v. 1, p. 9-17, jan./jun., 2020. Disponível em: <https://econtents.sbu.unicamp.br/inpec/index.php/proa/article/view/16546/11286>. Acesso em: 28 set., 2025.

FELIPPE; Agnes Antunes; CAMPOS, Lúcia. A colonialidade do currículo musical e a necessidade de um ensino decolonial. In: XIII ENCONTRO REGIONAL SUDESTE DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 2022. *Anais [...]*. Disponível em: http://www.abemeducacaomusical.com.br/anais_ersd/v5/papers/1259/public/1259-5423-1-PB.pdf. Acesso em 28 set., 2025.

FERLIM, Uliana Dias Campos. Reflexões sobre práticas musicais e decolonialidade: experiência na extensão universitária e movimentos culturais contemporâneos. In: XXV CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 2021, [online]. *Anais [...]*. Disponível em: http://abemeducacaomusical.com.br/anais_congresso/v4/papers/830/public/830-4508-1-PB.pdf. Acesso em: 4 out. 2025.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *O Pensamento Selvagem*. Tradução de Maria Celeste da Costa e Souza e Almir de Oliveira Aguiar. São Paulo: Nacional, 1976.

MARTINAZZO, Celso José. O pensamento transdisciplinar como percepção do real e os desafios educacionais e planetários. *Educar em Revista*, Curitiba, v. 36, p. 1-17, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/7wrCtzJxZcFvt8F5YpTNggs/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 2 out. 2025.

MARTINS, Leda. Performances da oralitura: corpo, lugar da memória. *Letras*, Santa Maria, v. 26, p. 63–81, 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11881>. Acesso em: 10 jul. 2025.

MORIN, Edgar. *Ciência com consciência*. Tradução de Maria D. Alexandre e Maria Alice S. Dória. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

NICOLESCU, Basarab et al. *Educação e transdisciplinaridade*. São Paulo: Editora USP; Brasília, DF: Unesco, 2000. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000127511>. Acesso em: 1º, out., 2025.

PEREIRA, Marcus Vinícius Medeiros. *O Ensino Superior e as Licenciaturas em Música: um retrato do habitus conservatorial nos documentos curriculares*. Campo Grande: Editora UFMS, 2013.

PRASS, Luciana. *Saberes musicais em uma bateria de escola de samba: uma etnografia entre os Bambas da Orgia*. Porto Alegre: Editora da Universidade (UFRGS), 2004.

PRASS, Luciana. *Maçambiques, Quicumbis e Ensaios de Promessa: musicalidades quilombolas do sul do Brasil*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2013.

PRASS, Luciana. Etnomusicologia e Educação Musical: da escola de samba para a universidade e de volta. In: IX ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ETNOMUSICOLOGIA - ENABET, 2019, Campinas. *Anais [...]*. Campinas: Unicamp, 2019. p. 655-663

PRASS, Luciana. Etnopedagogia musical. In: Salgado, José Alberto; Reily, Suzel Ana (org.). *Vocabulário de Pesquisa em Música*. Vol. I., 2025. p. 114-121. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1hAooooF0tF8Olqxb20_ZsWqp-FZhtg3/view. Acesso em: 4 out. 2025.

QUEIROZ, Luis Ricardo Silva. Currículos criativos e inovadores em música: proposições decoloniais. In: BEINEKE, Viviane (Ed.). *Educação musical: diálogos insurgentes*. São Paulo: Hucitec, 2023. p. 191-241. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1Sje5z5dJTK5A0kzkwxNH3McPFnq1UWd/view>. Acesso em: 4 out. 2025.

QUEIROZ, Luis Ricardo Silva. Patrimônio musical imaterial brasileiro e formação em música: caminhos para rupturas decoloniais e encontros antiepistemicidas. In: CORTE REAL, Márcio Penna; FURTADO, Rita Márcia Magalhães; BAPTISTA, Tadeu João Ribeiro (Eds.). *Arte, estética e processos educacionais: reflexões sobre os exercícios de sentir, de saber e de poder*. Goiânia: Editora da Imprensa Universitária, 2020. p. 107-137. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1wXpdbc6k_nxj8KOAu_DPp_ZPDYn0UWs/view. Acesso em: 20 set. 2025.

STEIN, Marília Raquel Albornoz. Kyringüé mborai : os cantos das crianças e a cosmo-sônica Mbyá-Guarani. 2009. Tese (Doutorado em Música) – Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

STEIN, Marília Raquel Albornoz. A cosmo-sônica Guarani-Mbyá: sobre etnografia musical e perspectivas sonoras ameríndias. In: BOMBASSARO, Luiz Carlos; RAJOBAC, Raimundo (Eds.). *Música, filosofia e formação cultural: ensaios*. Caxias do Sul: EducS, 2017. p. 113 - 133.

STEIN, Marília Raquel Albornoz. Cosmo-sônica. In: Salgado, José Alberto; Reily, Suzel Ana (Ed.). *Vocabulário de Pesquisa em Música*. Vol. I., 2025. p. 60-67. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/114KNHEifEIYYVTvrqYRTrzoSI-xqzHya/view>. Acesso em: 4 out. 2025.

TETTAMANZY, Ana Lucia et al. Encontro de saberes na UFRGS: em busca da comunidade perdida. *Jornal da Universidade*, Porto Alegre, n. 196, 2, nov. 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/150154>. Acesso em: 1º out. 2025.

TRAVASSOS, Elizabeth. “Pontos de escuta da música popular no Brasil”. In: ULHÔA, Martha; OCHOA, Ana Maria (Eds.). *Música popular na América Latina*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2005. p. 94-111.

VIANNA, Letícia C. R. Encontro de Saberes: o espírito do tempo e o estado da arte de uma proposta de transformação social. *PragMATIZES – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura*, Niterói, ano 13, n. 25, p. 267 – 301, set. 2023. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/pragmatizes/article/view/58015/34869>. Acesso em: 20 de jul. 2025.